



DE COMO FOI NO CVL QUE O 470 NASCEU EM PORTUGAL

No final da década de 60 do século XX, a vela ligeira evoluía para os chamados planadores, com trapézio e spi, onde pontificavam o Fireball e o 505. Em Portugal, insistia-se, conta-corrente, nos tradicionais bolinadores, star, finn, snipe, condescendendo no Vaurien para iniciação (desde que sem spi). Toleravam-se o 420 e o Europe, preferidos pelos sectores mais jovens e dinâmicos.

Dois amigos de Lagos, José Veloso e Tony Simmonds, dirigentes e praticantes do CVL, insatisfeitos com isto e buscando actualizações, agradaram-se de uma das ultimas novidades francesas. Chamava-se 470, era construído junto de Bordéus, pela fábrica Morin. Foram lá, discutiram o preço, e trouxeram um, a reboque, que passou de contrabando na fronteira. Auto-atribuíram-lhe o título de P1. Com este numero na vela, os espanhóis baptizaram-no de “el Pi”.

E levaram-no a regatas a Espanha, onde o 470 já se implantava. Em Portugal, regateava, único, em festivais com todas as classes, no Algarve, em Belém e no Alfeite.

Destacava-se, sem ser levado muito a sério, originalmente, pelos gurus da vela nacional. Em Lagos, competia com os espanhóis que vinham às regatas do CVL.

Apareceu outro, em Portimão, de fabrico espanhol. E devagar, devagarinho, o 470 impôs-se em Portugal, depois da grande expansão no estrangeiro.

Junho 2006

José Veloso